

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Eles não conseguiram tirar férias. O casal Taís Araújo e Lázaro Ramos resolveu, então, que na semana de reestrela da peça "O Topo da Montanha", em São Paulo, se daria de presente um fim de semana no hotel Emiliano, nos Jardins. Apesar de manterem na cidade um apartamento a pouco metros dali.

★

Dias antes, tia Solange, uma das irmãs da mãe de Taís, tinha até dado uma passada na casa paulistana para checar se estava tudo certo. A cafeteira estava quebrada há um tempo e, em meio à vida dividida entre as gravações da série "Mr. Brau", da Globo, e a peça, Taís não se lembrou de mandá-la para o conserto.

★

Ao chegar ao Teatro Faap, na sexta (8), para o ensaio e passagem de luz da reestrela, Taís logo pergunta a Solange: "Tem café?". A tia, além de segurar a onda do apartamento em São Paulo, também ajuda o casal no camarim do espetáculo que narra o que teria sido a última noite de Martin Luther King (1929-1968), líder do movimento pelos direitos civis dos negros.

★

Taís e Lázaro haviam passado a madrugada anterior insones, na casa deles, no Rio (eles vivem na ponte aérea). Por volta das 2h, começou o bate-bate da reforma no vizinho. "Amigos, tem criança dormindo aqui", gritou Lázaro, da calçada, de shorts e chinelo. "Ô, seu Lázaro, desculpa!" O silêncio voltou, mas o sono, não. Às 8h, eles tinham de estar no aeroporto para viajar a São Paulo.

★

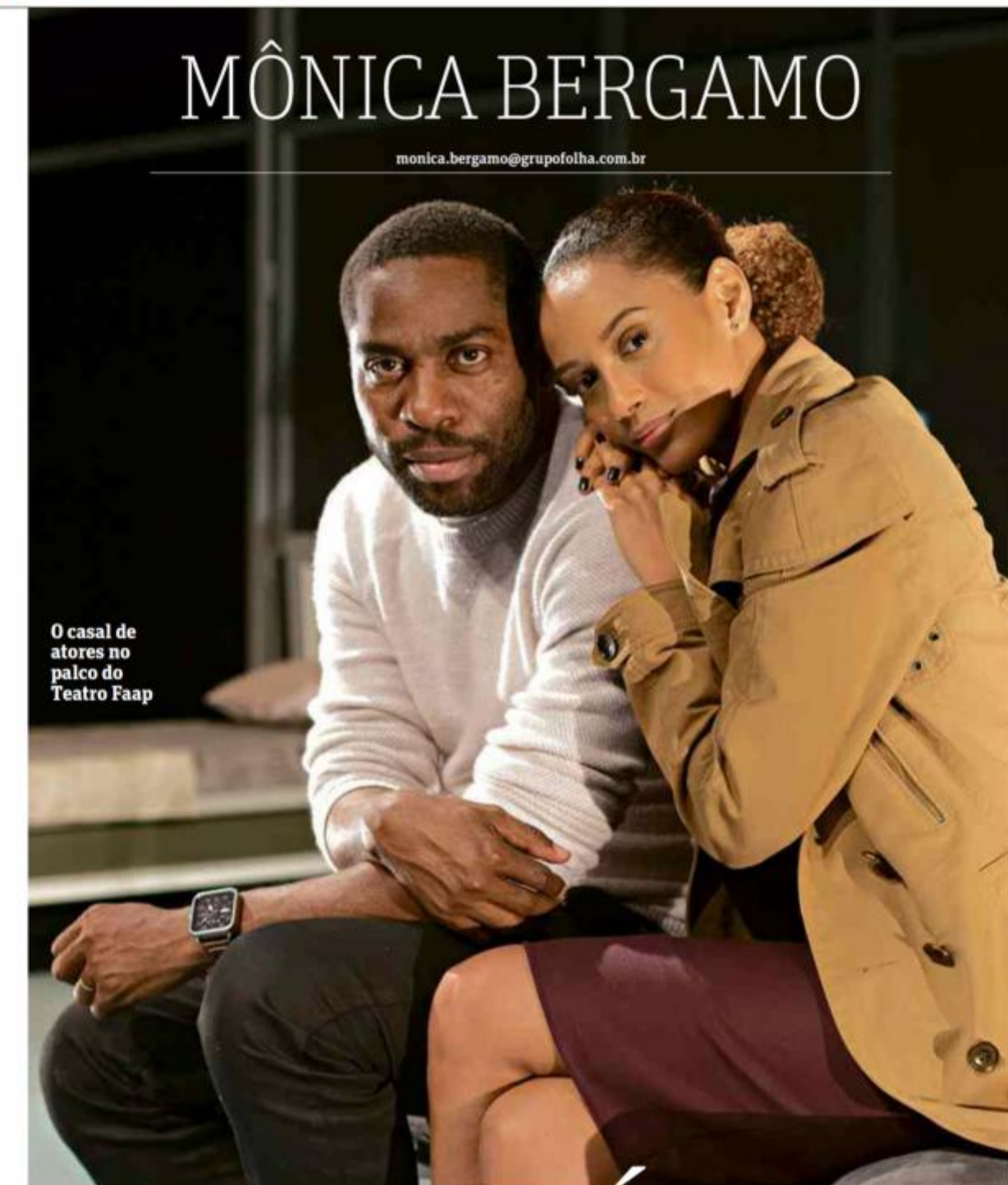
"Por que a gente não vai para o hotel descansar e, no caminho, conversamos com ela", sugeriu Taís a Lázaro sobre o papo com a repórter **Thais Arbex**. "Prefiro ficar, dormir aqui mesmo, e já estar aqui para o espetáculo", respondeu Lázaro. "Dormir onde, amor? Naquela caminho dura do camarim?", retrucou ela. "É, ué!", disse ele.

★

O dilema do 'ir ou não ir' para o hotel terminou em uma das mesas de um restaurante da praça Vila Boim, em frente à Faap. "Eu estava há cinco anos sem fazer teatro, desestimulado, não tinha nenhum texto que me empolgasse." "É como aquela pessoa que sonha em fazer o Hamlet, sabe? Achei o Hamlet sem saber que ele existia", disse Lázaro sobre "O Topo da Montanha".

★

"Já fiz mais de 30 peças — e agora vou ser injusto com 'A Máquina', que foi essencial



O casal de atores no palco do Teatro Faap

SEM AÇÚCAR, COM AFETO

De volta a SP com a peça 'O Topo da Montanha', Taís Araújo e Lázaro Ramos dizem que país está à deriva e que todo mundo é parte do problema

para mim—, mas essa é uma das mais importantes da minha vida", continuou ele, lembrando do espetáculo baiano de 2000 que fez ao lado de Wagner Moura e Vladimir Brichta. "Nunca achei que fosse achar um texto tão..." Taís interrompe: "Talvez seja a peça mais importante da sua fase mais madura."

★

O garçom traz a rabanada de brioche e o café expresso de Taís. Ela diz que "não é muito doce", mas o frio daquela sexta-feira de reestrela em São Paulo lhe dava "carta-branca" para a "bomba calórica". Lázaro fica só na li-



Acima, o casal de atores no restaurante Le Vin Bistro, na Praça Vila Boim, em Higienópolis; ao lado, durante o ensaio para a reestrela da peça em SP



monada —sem açúcar. Seu "pecado da gula" era a coxa creme da padaria Barcelona, ali ao lado. Levou duas.

★

"Estamos aqui para falar de afeto", diz Taís sobre o texto de Katori Hall, com tradução de Silvio Albuquerque, que foi chefe de gabinete do ex-ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Joaquim Barbosa. "O espetáculo", continua ela, "também tem a mensagem do interesse pelo outro, de você querer saber do outro."

★

"A peça tem esse negócio massa —e fico muito orgulhoso de a gente ter conseguido chegar nesse lugar— porque oferecemos o afeto como resposta a essas angústias todas do momento que estamos vivendo", afirma Lázaro. "Eu, que sou uma pessoa que sempre tem muita opinião sobre as coisas, sinto que estamos em um momento [no país] em que temos mais perguntas do que respostas. A gente está meio à deriva, como se estivessemos passando por uma nova alfabetização."

★

"É subjetivo isso, né?", ele mesmo interrompe, para logo emendar: "Tenho começado a estimular que as pessoas revisitem os conceitos das coisas. Da ética, da educação, de tudo que parecia que todo mundo já sabia o que significava. E o espetáculo acaba colaborando nesse sentido também."

★

"Quando a gente vê o teatro lotado em todas as sessões, com dezenas de pessoas na plateia que sabem o que vão ouvir, dá uma esperança. Acho que as pessoas saem da peça cheias de poder, sabe?", continua Taís. "Porque essa coisa da política, por exemplo, sempre parece que não é com a gente, quando na verdade é só com a gente!"

★

Para ela, que sob a direção do marido interpreta Camei, uma inquieta camareira que confronta o discurso de "não à violência" do reverendo King, as pessoas saem do espetáculo com a sensação de que "são as nossas escolhas" que movimentam o país. "Desde a urna [na eleição] até como você vai lidar com a sociedade no seu dia a dia."

★

Até 4 setembro, Taís e Lázaro desembarcarão toda sexta em São Paulo. De quinze em quinze dias, os filhos do casal, João Vicente, 4, e Maria Antonia, 1, passarão um fim de semana na cidade. "A gente queria trazer toda semana porque eles amam, mas é tão sacrificante, né?", diz Taís, antes de entrar no táxi rumo ao hotel.

OUTRO CANAL LÍGIA MESQUITA ligia.mesquita@grupofolha.com.br

BATE-REBATE - RICARDO PEREIRA

Por tudo que vivemos na trama, chegar até ali fazia todo sentido

O português Ricardo Pereira, 36, protagonizou nesta semana, ao lado de Caio Blat, a primeira cena de sexo gay da teledramaturgia brasileira.

A exibição aconteceu no capítulo da terça (12), de "Liberdade, Liberdade" (Globo). Na novela de época das 23h, de Mario Teixeira, com direção de Vinicius Coimbra, ele vive o coronel Tolentino.

"Por tudo que já vivemos na trama, chegar até ali fazia todo sentido", diz ele, sobre a cena de amor.

O ator, que vive há mais de 12 anos no Brasil, conta que

filmes como "Morte em Veneza" e "O Segredo de Brokeback Mountain" serviram de referência. Ele falou à coluna por e-mail.

★

Já havia feito alguma cena parecida antes? Foi difícil gravar?

Já fiz muitas cenas de amor e é assim que eu vejo a cena entre eles. Foi o ápice de uma relação contida, proibida e repleta de sentimentos. Mas talvez o mais desafiador do Tolentino seja a dúvida dele em relação ao que sente, a dor de amar alguém e não en-

tender isso, porque na cabeça dele e das pessoas daquela época era um crime condenado à morte.

Por ser um coronel, cabia a Tolentino tomar a iniciativa ali?

Acho que ele não toma a iniciativa, eles se desejam, se amam e precisam viver esse amor, libertar esse sentimento controlado ali. O tempo todo na cena se vê a troca entre eles, a resistência de ambos de viver o que realmente querem. André ainda é um homem do mundo, que cresceu em Portugal, viajou, é es-

tudado, Tolentino, não. Ele vive em Vila Rica e naquele universo que reprende com a morte a possibilidade de duas pessoas do mesmo gênero se envolverem.

Como é essa questão do sexo gay na TV de Portugal? Eles são mais liberais lá?

Em Portugal temos tido algumas incursões desses tipos de cenas, mas acho que depende muito. Não vejo o Brasil e Portugal como países conservadores. São países que têm suas histórias. Temos que ver obviamente

que o mundo hoje em dia deve deixar de lado esse preconceito e, acima de tudo, entender e respeitar a opinião, o gosto e a vontade de cada um.

Tolentino é seu principal papel aqui até agora?

É um trabalho incrível. É um vilão cheio de camadas e linhas de construção diferentes, um cara muito bruto, mas que tem um lado humano que só mostra para o André, e dentro dessa relação dos dois, completamente proibida. É sem dúvida um dos divisores de água da minha carreira.



O português Ricardo Pereira